

Queer avant la lettre: sobre sapas, tangerinas, jacarés e lobisomens¹

Emerson Inácio

Universidade de São Paulo

Resumo: Se o termo *queer* emerge e se sedimenta como dispositivo crítico a partir da década de 1990, determinados procedimentos textuais, corporais e estéticos adotados por autores como Al Berto (Portugal), Hebert Daniel e Leila Mícolis (Brasil), ainda nos anos de 1970, parecem (se) antecipar à(a) conformação substantiva que aquele adjetivo inglês assume no campo dos estudos sobre identidades sexuais e de gênero na atualidade. Parte-se, pois, da premissa de que houve em Língua Portuguesa uma expressão estética *queer* antes que o *queer* propriamente dito houvesse – ou tivesse sido nomeado como tal. Assim, o presente ensaio propõe-se a descrever e analisar, em perspectiva comparativista, alguns exemplos retirados das obras literárias d@s autor@s antes citad@s, fragmentos que parecem prenunciar os signos de liberdade e de libertação que atualmente vem sendo defendidas pela teoria *queer*.

Palavras-chave: Literaturas de Língua Portuguesa, Teoria/Textualidades *Queer*, Expressões estético-identitárias

Abstract: If the term *queer* has emerged and established itself as a critical device since the 1990s, certain textual, corporal and aesthetic procedures adopted by authors such as Al Berto (Portugal), Hebert Daniel and Leila Mícolis (Brazil), still in the 1970s, seem to anticipate the substantive conformation that that English adjective assumes in the field of studies on sexual and gender identities in the present time. It follows, therefore, from the premise that there was in Portuguese a *queer* aesthetic expression before the *queer* itself had – or had been – named as such. Thus, the present essay proposes to describe and analyze, from a comparatist perspective, some examples taken from the literary works of the previous authors, fragments that seem to foreshadow the signs of freedom and liberation that are now being defended by *queer* theory.

Keywords: Portuguese Language Literatures, Queer Theory/Textualities, Aesthetic-Identity Expressions

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi o Carnaval.

(Oswald de Andrade, 1928)

Homem com homem dá lobisomem. Mulher com mulher, dá jacaré.

(dito, ou melhor, desdito popular)

Só a antropofagia nos une: pela dor, pela cor e pelo amor.

(Sérgio Vaz, poeta da COOPERIFA)

0 – Do Cuir

Toda epígrafe é uma chave de leitura. No caso, tenho três chaves, assumindo que, ao tratar aqui de questões ligadas aos procedimentos *cuir* (que escrevo C-U-I-R, já que assim assumo a antropofagia como norma) não devo, senão, assumir a pluralidade como proposta e como gesto. E se escrevo dessa forma, parto do fato de que talvez não possa – e não deva – dizer de outra, já que a maleabilidade desse pensamento *queer* me provoca a tradução do vocábulo para a Língua Portuguesa, entendendo tradução aqui como capacidade de absorção e de transmutação de algumas perspectivas em outras, que me parecem aqui mais adequadas. Além disso, cuir escrito com “C” traz o cu pro princípio das coisas, como já disse o poeta brasileiro Waldo Motta: “Claro, claro [...]: a vida medra do rabo” (Motta 1996: 71).

Claro, claro: não tendo sido catequizados, podemos submeter o *queer* à nossa antropofagia modernista, tornando o que é dos outros parte de nós e, desde este ponto, criarmos uma nova experiência que só pode agora ser traduzida na nossa língua: “Minha pátria é a Língua Portuguesa” (Soares 1986: 358), dirá Bernardo, travesti de Fernando Pessoa performado e performativo, órfico, calculado simulacro. Se Sérgio Vaz, e Oswald de Andrade, ainda antes, declaram que “só a antropofagia nos une”, devo acrescentar que a despeito do campo de estudos a que aqui nos debruçamos, é o cu que nos une a tod@s, é ele que se demonstra a Preciado (2011) como uma marca que suplanta e supera as possíveis hierarquias de gênero, as tecnologias do erótico e das sexualidades.

Volto à minha epígrafe, ao dito popular.

Aliás, a desdita popular brasileira: “homem com homem dá lobisomem, mulher com mulher dá jacaré”! Nas brincadeiras de criança, as lições “lgbttqfóbicas” que se carrega pro resto de todas e muitas vidas: nos jogos infantis, desaprendemos a amar o igual, sob o risco de virarmos bichos, reais ou fantasiosos. Antes tornássemos-nos animais! Se a fala mais comum aponta para o fato de que certas aproximações produzem monstruosidades fantásticas – lobisomens e jacarés – é sempre bom lembrar que estes produtos pós-humanos são, a partir de agora, vistos aqui na sua capacidade produtiva de serem além daquilo que os discursos discriminatórios pretendem. Ou seja, aqui assumo que podemos ser lobisomens e jacarés e isto não é senão a nossa capacidade de sermos muito mais que objetos de discursos alheios, aqueles que nos monstrificam; e partimos deles rumo à construção de novas experiências que nos tornam muito maiores que o senso comum poderá imaginar. Ao nos tornarmos outros seres – lobos-homens ou jacarés ou tangerinas – fugimos à apreensibilidade das formas hegemônicas e autoritárias a que os autores de que tratarei – Al Berto, Herbert Daniel e Leila Mícolis – também quiseram fugir. Para ser, diante das ditaduras de gênero e identidade, é preciso mais que ser: é preciso também ser monstro, bixa-bicho-bicha ou fruta. Frutíssimas e frescas, preferencialmente.

Claro já está que meu texto nada tem de acadêmico. Nem de poético! Criativo, talvez! Um texto *trans*, daqueles que pretendem provocar, visto que nasce da minha capacidade de traduzir em mim e na minha escrita minha experiência como homem gay, cisgênero, negro, brasileiro, oriundo das classes populares. Meu texto não é senão uma das formas como eu traduzo os dizeres que pretendem me descrever. Portanto, àquela mesma fuga que antes me referi, aqui se torna um procedimento intelectual quase camoniano: “transforma-se o escritor em cousa escrita por virtude de a tudo desejar!”.

Voltando à vaca fria – posto que não é mau ser animal –, se o termo *queer* emerge e se sedimenta como dispositivo crítico a partir da década de 1990, determinados procedimentos textuais, corporais e estéticos adotados por autores como Al Berto (Portugal), Hebert Daniel e Leila Mícolis (Brasil), ainda nos anos de 1970 e de 1980, parecem (se) antecipar à(a) conformação substantiva que o adjetivo inglês assume no campo dos estudos sobre identidades sexuais e de gênero na atualidade. Parto, pois, da

premissa de que houve em Língua Portuguesa uma expressão estética *queer*/cuir antes que o *queer* propriamente dito houvesse – ou tivesse sido nomeado como tal. Assim, no presente ensaio proponho-me a descrever e a analisar, em perspectiva comparativista, desde alguns exemplos retirados das obras literárias dessas instâncias autorais, fragmentos que parecem prenunciar os signos de liberdade e de libertação que atualmente vêm sendo defendidas pela teoria *queer*.

I – Das Frutas

Publicado originalmente em 1977 e reescrito dez anos depois, o conjunto de poemas intitulado *À procura do vento num jardim d'agosto*, de Al Berto, “aquele que transmuda-se em todas as máscaras e não é ninguém” (1997: 15), apresenta-nos a personagem Tangerina, ser lisérgico e noturno que divide o seu próprio corpo com uma outra existência, Nervokid. Este corpo que se enuncia no poema e que suporta essa deriva identitária não revela, de fato, uma tensão entre as possibilidades de ser que manifesta, mas antes, tenciona apenas quando, performaticamente, vê o prazer sucumbir diante da melancolia trazida pela condição material dos múltiplos exílios: aqueles relativos à condição material do poeta, que está à altura na Bélgica; mas, antes, às vicissitudes das múltiplas errâncias desse enunciador que, “[...] vergado à coincidência suicidária das cidades” (Al Berto 1997: 11) busca no prazer e nas experiências corporais (químicas e sexuais) um sentido possível para existir. Seu outro exílio, *inxílio*, talvez, se refere ao fato de que o corpo violado pela emigração se quer livre, liberto de amarras ou condicionamentos. Tangerina, essa “fruta de morder todas as horas”, se revela textualmente desde a experiência com “o ácido vôo translúcido e mole [...] atinge as remotas camadas do corpo e do pensamento” (Al Berto 1997: 15-16). É o uso do LSD, o ácido, portanto, que faz emergir esses outros corpos, Tangerina e Nervokid, num processo de múltiplas construções de subjetividades, que oscilam, caso queiramos aqui potencializar a deriva, o exílio de si, as migrações das identidades:

no início Tangerina é uma flor branca, nasce do corpo e nele se alimenta e envenena. nele vive e cresce lentamente, transborda e morre. morre.

alguém loiro, esbelto, como um bife apimentado. colarinho mole, usado, pescoço liso, sem fios de ouro ou pedrarias. dedos esguios, serenos gestos delicados, quase esquecidos porque ninguém os olha. é Nervokid, é Tangerina ou Nému, perdendo-se na sombra do restaurante. ele ou ela mastiga o bife. [...] não, não vou falar de Nému, nem dela. Isto não é um romance. (Al Berto 1997: 16)

Cabe lembrança: esses corpos-cidade são um campo que não pressupõe outra síntese que não aquela expressa pelo ato da escrita, utopicamente, para o poeta, o único lugar em que estes corpos de papel podem habitar sem que se submetam às hierarquias das quais antes escapara. Nesse sentido, Tangerina e Nervokid insurgem em dupla *performance*: primeiro aquela relativa a tornarem-se presentes discursiva e poeticamente, materializando-se no e pelo poema; segundo, por erigirem sexualidades que só existem mesmo como *performances*, no sentido teatral que lhes atribui Judith Butler (2003: 198-199). Daí, a mistura entre a posição ativa e passiva no sexo com os putos, entre a violência e a doçura, entre violação e carinho, justo porque esta *mélange* visaria desmontar aqueles papéis culturalmente atribuídos às mulheres ou homens heterossexuais e mesmo aos gays. Ao enfatizar o uso do “ou” como elemento primordial na deriva entre Tangerina e Nervoki, Al Berto-enunciador parece querer desfazer as hierarquias, pelo desmonte dos ordenamentos sociais que se mantem, inclusive, no sexo:

putos aproximam-se de Tangerina desmaiada. ela finge não estar ali, não se mexe, não quer enterrar seu sexo duro nos lábios [...] invadem-lhe o corpo, coagulam nele, lambem-no por dentro [...] pernoitam nos cabelos endurecidos pelo esperma. Rumores, Tangerina ou Nervokid sepulta o sexo na areia, volta-se repentinamente, aponta o caralho ao sol e vem-se [...]. os putos sugam o corpo liquefeito de Tangerina, uma auréola de luz selvagem penteia-lhes as cabeças, os corpos deslizam uns sobre os outros, Tangerina meu corpo altar! (Al Berto 1997: 18-19)

Este jogo entre as *performances* de linguagem e identitárias perfaz-se, ainda, na realização do prazer e do gozo erótico a que tanto corpo quanto a própria linguagem se dedicam. E o corpo-cidade de Tangerina/Nervokid, todo ele orgia e carnaval, realiza a fusão da escrita com o texto de prazer, à Roland Barthes (1996: 28-29), onde a escritura supera as

hierarquias e confronta as normas, em favor do puro contentamento.

Não, caros leitores, isto não é um romance! Mas é certamente uma textualidade cuir: o corpo se inscrevendo no texto; o texto do corpo se escrevendo pelo corpo, no corpo, no prazer da escrita e na escrita do prazer. Mas, sobretudo, um constante ato que intenta a paródia da própria deriva identitária, corporal e de um gênero, seja ele qual for.

II – Dos Seres: Sapas, Bix@s & Entendidxs

“Também *somos*” (Míccolis/Daniel 1983: 9), com o verbo *ser* grafado em itálico, é a sentença com que se inicia *Jacarés & Lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade*, publicado em 1983, por Herbert Daniel e Leila Míccolis. Ele, um ex-guerrilheiro, integrante da luta armada contra a ditadura brasileira, sociólogo e umas das primeiras vítimas do HIV no Brasil, vindo a morrer em 1992. Ela, poeta, ensaísta, dramaturga, ativista lésbica, “ser desdobrável”, diria outra poeta, Adélia Prado.

A sentença inicial “também somos”, uma das frases iniciais do prefácio do ensaio a que me refiro estabelece, numa laçada inicial, uma dupla curiosidade: primeira, a relativa ao uso do itálico, demarcando assim tanto o reconhecimento de uma alteridade quanto a capacidade de seus possíveis leitores e leitoras de (se) complementarem (n)a sentença construída sem o predicativo do sujeito: somos o quê? Um vazio, um nada ou espaço transitivo em que o aparente nada é tudo. Doutra feita, consideradas as condições de produção discursivas do ensaio a que me refiro – fins da ditadura brasileira, comprometimento democrático, moral cristã e lesbohomofóbica –, a inexistência do complemento ao verbo de ligação pode se demonstrar mais uma estratégia que favoreceria a recepção do livro/ensaio, já que, conscientes de um sistema paralelo de leitura, composto por gueis e lésbicas, os autores poderiam direcionar o conteúdo, certos de sua apreensão pelo público leitor. Poderia acrescentar, ainda, que o vazio pós-verbal (“*somos*”) ensejaria uma estratégia *queerente* e *cuirizante*, na medida em que se abriria, também, para um uso suplementar que suplantaria as binariedades, incorporando ao vazio, as possíveis outras subjetividades e práticas sexuais, dando espaço para o “sexo novo” (Míccolis/Daniel 1983:

10), já que ambxs ax autorxs se demostram “Indispostos com os comportamentos socialmente regimentais” (*idem*: 9):

Somos corpos e (como cada corpo) sexos diferentes, que nos explicitamos a urgência de derrotar as maneiras usuais das corporificações do conformismo. [...] Temos buscado a disposição de abrir portais onde ninguém sofra, nem venha a sofrer, as consequências da tragédia ou holocausto de um sexo triste. [...] Afinal, basta-nos uma definição nada definitiva: definitivo é só o transitório. (*idem*: 10)

O uso do advérbio/conjunção “também” modifica o verbo, pressupondo uma identificação entre enunciadores e enunciatário, estabelecendo a partir daí o processo de partilha de experiências. Míccolis e Daniel, militantes históricos da esquerda democrática brasileira, tentam estabelecer, de partida, um ensaio-manifesto em que se parta da condição de silenciamento a que mulheres lésbicas, homens gueis, bem como bissexuais, vinham sendo submetidos àquela altura, fosse pelos resquícios de uma ditadura militar de viés moralizante, fosse pela presença massiva de um regime cultural em que o carnaval, por exemplo, era o único momento e espaço em que sexualidades não (hétero)normativas tinham espaço.

O título do ensaio, como já aludi, parte de um dito popular brasileiro, que, por detrás do aparente sentido de humor, na verdade esconderia um juízo sentencioso e sexista: a aproximação entre pessoas de iguais gêneros identitários e sexuais não poderia resultar, senão, em seres monstruosos (lobisomens) ou aterradores (jacarés), atribuindo-lhes, com isso, inclusive, a impossibilidade de serem amados, visto que se tratavam de existências de exceção. O peculiar dos *lobisomens* e *jacarés*, no nível das intencionalidades do título, seria o fato de serem seres que transpõem a domesticação e a palatalização, operando sempre com alguma lógica baseada na violência, no roubo e na transgressão.

Numa possível correlação com os universos homossexuais daquela altura, 1983, os jacarés e lobisomens equivaleriam, respectivamente, às figuras da *sapatão* e da *bicha*, termos antes pejorativos utilizados em referência às lésbicas e gueis e que, obviamente, por razões de censura (e mesmo de autocensura) não poderiam figurar na capa de um ensaio dirigido a outras pessoas que com eles partilhavam de afetos por pessoas de igual gênero

sexual ou identitário. Lembro: ainda que amor entre iguais, afetos até hoje sujeitos às mesmas normativas romântico-afetivas da heterossexualidade compulsória, aludida por Adrienne Rich (2010). Ou seja, um universo que, mesmo rasurando perspectivas como gênero, reprodução e casamento, terminaria por reproduzir as mesmas hierarquias condenadas, justo pela produção de pares opositivos como a *butch/lady*, ativo/passivo, *master/sub* e, mais recentemente, macho alfa e beta. E cito a dupla de “baixinhos” em “intersecção”:

Indispostos com os comportamentos socialmente regimentais, nunca tivemos a mínima intenção de sermos bem comportados: nem na cama, nem na mesa, nem no gesto nem na língua, nem no olho; enfim, em nenhum dos lugares ou órgãos sexuais convencionais edificadas e edificantes. Estes nossos textos são retratos daquela indisposição e de usos e abusos, espécie de convite a vir-a-ser. Falamos de um sexo novo – ou melhor, de “novos sexos” – sem estatutos. Novos porque é a sexualidade renovada cotidianamente por cada um, [...] nessa praça de desejos cruzados que é o corpo [...]. Falamos de nós mesmas nos nossos dois ensaios [...]. Nosso pronome é próprio e substantivo [...]: *meu-teu-seu* – o que pode ser lido assim: *mete-o-seu*, como palavra-des-ordem apelando ao exercício da atividade e do ativismo erótico. (Míccolis/Daniel 1983: 10-11)

No exercício proposto por Míccolis e Daniel, justamente comparecem perspectivas que, posteriormente, serão dimensionadas no âmbito cuir, a saber, a quebra na lógica dos comportamentos; a prática erótica como parte de um ativismo político; e, por último, a desconstrução da linguagem enquanto norma social e cultural que refletiria os dispositivos hierárquicos do gênero.

O ingrediente final, que como uma cereja adornaria o topo do ensaio de Míccolis e Daniel seria, talvez, o inaugural ato de, ao descreverem uma cena carnavalesca vivenciada por Daniel em 1982, utilizarem a forma pronominal “el&” para se referirem à fantasiada figura-travesti Marilyn, fantasiada de verde sereia, com a cara caiada pelo *make up* convincente, mas com axilas e costas peludas: “Ser de fábula, não era uma mera pretensão de fantasiar-se de mulher e tentar reproduzir a imagem simbolizada. Era uma caricatura dúbia da fêmea. [...] E a cada deixa do publico, **el&**¹ retrucava sem levar troco” (*idem*: 20) [grifo nosso]. Como se observa, o elemento em destaque aduz a uma nota de pé de página,

onde a dupla declara: “el&: grafia variável de ele/ela, para uma biografia variante e/ou” (*idem*: 20).

Atentemos para o sintagma “caricatura dúbia”: a fantasia de sereia associada aos masculinos pêlos das costas e axilas termina por produzir a constante presença de um soterrado masculino performado em ser feminino, mas ao mesmo tempo, também o contrário, fazendo com que os dois gêneros existam como *trace*, vestígio um no outro, num simulacro verídico de ser “trava” (travesti, no jargão lgbttq+ brasileiro), já que naquele estado carnavalesco Marilyn é uma verdade transitória, mas verdade, que desfará na quarta-feira de cinzas. A questão se põe no fato de que o caricatural se realiza tanto num quanto noutro gênero, gerando com isso um espaço intervalar, performativo e carnavalesco em que Marilyn emerge como existência possível, tornando-se, como dirá Severo Sarduy acerca do corpo significante erótico, um “lugar *sem limites* [que] é [também] espaço de conversões, de transformações e disfarces: o espaço da linguagem” (Sarduy 1979: 48). O corpo-linguagem d@ travesti e os corpos na linguagem de Míccolis e Daniel parecem metominizar nessa descrição feita desde uma “grafia variável” (“el&”) a condição não essencialista de Marilyn quando se trata da percepção de seu corpo e de uma subjetividade que desfila numa tarde de carnaval. O “Ser de fábula”, feito de, mas ao mesmo tempo, uma ontologia fabular, fantasiosa é

[a] estratégia mais insidiosa e eficaz, ao que parece, é a completa apropriação e deslocamento das próprias categorias de identidade, não meramente para contestar o ‘sexo’, mas para articular a convergência de múltiplos discursos sexuais para o lugar da ‘identidade’, a fim de problematizar permanentemente essa categoria, sob qualquer de suas formas. (Butler 2003: 184)

A “biografia variante” advinda da “grafia variável” *el&* anteciparia, de certo modo, a interferência na linguagem operada pela militância teórica cuir a partir da segunda metade dos anos de 1990: ao introduzirem os diacríticos “@”, “_” e, mais recentemente o “X”, o “e” ou o “i” como marcadores in-formais das derivas de gêneros, sexos e identidades, propõem, como Míccolis e Daniel, “equilibristas de palavras” (Míccolis/Daniel 1983: 9), alterar a hierarquia do gênero na Língua Portuguesa, perceptível no par forma não-

marcada/morfema Ø – para o masculino singular –, relegando ao feminino o traço diferencial, a flexão, ou seja, a variante dentro da norma. Soma-se à “corrupção” linguageira e militante do cuir o fato de que a *Langue*, enquanto aquela norma pensada por Ferdinand de Saussure, não absorver – ou revelar – no perigoso par plano da expressão/gênero sexual, as variantes múltiplas das individualidades e subjetividades, como se observa, por exemplo, no caso das pessoas agêneras e intersex. Por outro lado, a flexibilidade do uso é capaz de fazer com que o sistema/*parole* – no caso específico da Língua Portuguesa – se adapte às possibilidades das biografias variantes e não reguláveis pelo par masculino/feminino.

E na sequência, uma laçada feliz: “Falamos de nós mesmas nos nossos dois ensaios” (*idem*: 10) – a inclusão colaborativa do autor no feminino. A isso atribuo duas razões: tendo sido um militante da esquerda democrática, Daniel afasta-se dela já no exílio, justo porque na grande pauta da esquerda brasileira as questões relativas ao gênero e às sexualidades não são tidas por prioritárias. E o ensaísta, no caso, percebia em si enquanto indivíduo, a inadequação entre as ideologias que defendia e as demandas então de cunho mais pessoal, ligadas à plena vivência de sua sexualidade. De seguida, ao inscrever-se no feminino “mesmas”, Daniel faz da expressão de linguagem um ato político, demarcando nesse uso tanto sua adesão às práticas feministas de Míccolis quanto, jocosamente, assumindo o uso das formas femininas, muito comum entre gueis brasileiros em situações informais. Ou seja, quebra-se a hierarquia da própria língua, desconstruindo-a em perspectiva derridiana, ou seja, antilogofalocêntrica, já que a norma proporia, na junção dos gêneros no discurso, o uso do masculino (Derrida 1973: 8-18). Ao proporem que o plural seja feminino, enseja-se agora uma forma duplamente marcada por suas condições sociais de lésbica e guei, igualmente homossexuais e transgressivas; não de vítimas ou de seres assujeitados na linguagem, mas em “nova voz de gente” (Amaral 2013: 71), aquela relativa àquelas vidas que passam a operar, por muito bem dominar, os dispositivos impositivos internos à língua: é uma fala própria da sexualidade. E a FALA não é o feminino do FALO, símbolo monotonamente de um só gênero, portanto, solitário e totalitário. A fala é democrática – múltipla e conflitiva – portanto solidária e libertária” (Míccolis / Daniel 1983: 10-11).

A saída? Pensar e falar num *novo feminino*, que (me) habita, como me falam Leila e

Herbert, numa terra de ninguém inter/transsexual, toda ela dor, mas também prazer, sexo e afetos: “Nossa esperança é contribuir, com umas poucas ideias aqui jogadas, para que, quando o mundo disser ‘não pode’, a gente aprenda a responder ‘eu quero’” (*idem*: 11).

E nós queremos!

IV – Da Dor e da Delícia de Ser O Que Ser O Que Não É ou Ser e Não Ser Não É Uma Questão

Aqui neste ensaio me propus a pensar o cuir como um procedimento insurgente, no sentido em que se põe contra e duvida dos discursos naturalizados sobre os gêneros sexuais e identitários, sejam na cultura, na língua ou nos procedimentos epistemológicos que adotamos sem questionar. Mas penso-o também como uma *emergência*, esteira deixada por Nietzsche e depois perseguida, aprofundada e redimensionada por Michel Foucault, em *A Arqueologia do Saber* (1972) e *Microfísica do Poder* (1979). Nessa visada, o levante cuir não nasceria, apenas, na/da fala de Teresa de Lauretis, das práticas da militância antiuniversitária dos anos de 1990 ou, mais recentemente, dos exercícios teóricos de Judith Butler e Paul B. Preciado, mas desde estes pontos se demarcaria como um signo potente na cultura ocidental e que nestes pensamentos já se afirmara como um enunciado cuja significância é capaz de descrever, talvez nomear, formas de ser e de estar diante dos corpos, do sexo, do prazer e da própria vida. Nasceram antes de práticas ensaiadas por muit@s daquel@s que, antes de serem objeto da teoria, foram, como Al Berto, Tangerina, Marilyn, Mícolis e Daniel, objetos de variados processos de abjeção e exclusão, que demandaram desses seres, fabulares ou não, procedimentos capazes de inseri-los, desde as formas possíveis, na linguagem e no mundo.

Assim, os atos inaugurais do pensamento cuir, suas micropolíticas, ensejam da nossa parte essas constantes transmutações e adaptações das realidades adversas, sem que, no entanto, deixem seu potencial irruptivo ao largo. Pelo contrário, quando transformo *queer* em *cuir* só reafirmo aqui, antropofágica e carnavalescamente, a sua capacidade de se reinscrever na ordem do inapreensível, do escape, ou mesmo da renúncia aos enquadramentos a que certa crítica que se ancora nesse viés vem constantemente

recorrendo. Aliás, duvido e rio sempre de sentenças como “sou *queer!*”, “identidades *queer*” e coisas que o valham, apenas por considerar que Ser demanda enquadramentos. Afinal, “ser ou não ser não é uma questão”! Sim, não queremos catequeses! E no carnaval, celebração dos corpos que *queeremos*: bichos, sapas, bixas, frutas e tangerinas, tod@s a gozar, com muito gosto, aquilo que nos distingue enquanto corpos de prazer, de dor e de amor!

E “eu quero”: o paraíso terreno em que seres e frutas vivem em perfeita harmonia e, cito Míccolis e Daniel, “onde ninguém precise pedir desculpas pela própria sexualidade”, escrevendo, como Al Berto e Ana Luísa Amaral, em outra língua, de gente, de bichos e de corpos, de alguéns:

[...]
para que não se apague esta trémula escrita
preciso do sonho e do pesadelo
da proximidade vertiginosa dos espelhos e
de pernoitar no fundo de mim com suas mãos sujas
pelo árduo trabalho de construir os gestos exactos
da alegria que por descuido deus abandonou ao cansaço
no fim do sétimo dia
(Al Berto 2005: 244)

NOTA

¹ Este trabalho foi realizado no âmbito da Linha de Investigação “Intersexualidades”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Estratégico “UID/ELT/00500/2013” e por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE “POCI-01-0145-FEDER-007339”.

Bibliografia

Al Berto (1997), *O Medo*, Lisboa, Assírio e Alvim.

-- (2005), *O Medo*, Lisboa, Assírio e Alvim.

Amaral, Ana Luísa (2013), *Ara*, Porto, Sextante.

Barthes, Roland (1996), *O Prazer do Texto*, São Paulo, Perspectiva.

Butler, Judith (2003), *Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Derrida, Jacques (1973), *Gramatologia*, São Paulo, Perspectiva.

Foucault, Michel (1972), *A Arqueologia do saber*, Petrópolis, Vozes.

-- (1979), *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro, Graal.

Mícolis, Leila / Herbert Daniel, *Jacarés & Lobisomens. Dois Ensaios sobre a homossexualidade*, Rio de Janeiro, Achiamé.

Motta, Valdo (1996), *Bundo & outros poemas*, Campinas, Editora da UNICAMP.

Preciado, Beatriz (2011), *Manifiesto Contrasexual*, Barcelona, Anagrama.

Rich, Adrienne (2010), "Heterossexualidade compulsória e existência lésbica", <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309/1742>> (Último acesso em 04/12/2018).

Sarduy, Severo (1979), *Escrito sobre um corpo*, São Paulo, Perspectiva.

Soares, Bernardo (1986), *Livro do Desassossego*, São Paulo, Brasiliense.

Emerson Inácio é Professor Associado da Universidade de São Paulo, desde 2006, e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPQ. É co-autor de *Retratos do Brasil Homossexual* (2010) e *A Herança Invisível: Ecos da Literatura Viva na poesia de Al Berto* (2013), e autor de vários artigos e ensaios publicados em revistas brasileiras e estrangeiras.